

M.G.M PRESENTS

# FORBIDDEN PLANET


AMAZING!



# OS CHARUTOS ATÔMICOS DE FIDEL

**LEONARDO BRAGA**

HISTORIADOR E OFICIAL DE MARINHA SUBMARINISTA



Greenwich é um lugar agradável. No verão as temperaturas giram em torno de 20°C, os gramados ficam verdinhos e no inverno, ora, não poderia ser mesmo grande coisa (Greenwich fica na Inglaterra). O império em que o sol nunca se punha, estabeleceu no século XIX o simpático distrito de Londres como referência de tempo (fuso horário) e coordenadas geográficas (longitude). Os navios que partiam da Inglaterra carregavam cronógrafos de precisão ajustados com a hora de Londres (Observatório de Greenwich), o que permitia a determinação da posição utilizando técnicas de navegação astronômica. Levando em conta sua condição de potência marítima, era natural que a Grã-Bretanha ditasse os usos e costumes de boa parte dos homens do mar. Temos assim o meridiano

0° e uma primeira hora universal, o GMT (Greenwich Mean Time).

Toda a era tem seus ícones, suas referências. A armada britânica, braço longo do Império, há muito não reina nos mares. Hoje temos novos impérios – os EUA, a China, os refrigerantes de cola, os sanduíches de carne moída, os papalotes de coca. Onde colocaríamos a “nova Greenwich” do século XXI? Na minha modesta opinião, sugiro Havana. E digo por quê.

Na década de 80, o cientista norte-americano Carl Sagan nos visitava nas manhãs de sábado com seu programa televisivo “Cosmos”. Assistíamos à história da ciência e o longo caminho que percorremos desde os filósofos gregos até as viagens espaciais. O futuro? Bem, as possibilidades extrapolavam a imaginação segundo o bom e velho Carl

“desde que não nos matássemos”. Ele se referia ao imenso potencial destrutivo do arsenal de armas nucleares que se encontrava nas mãos dos norte-americanos e dos então soviéticos. Esta é a marca indelével de nossa geração – a capacidade técnica para se autodestruir (levando consigo boa parte da vida no planeta) e a maturidade necessária para não fazê-lo.

Carl Sagan recebeu inúmeros prêmios importantes pela sua competência técnico-científica, mas seu feito maior foi, sem sombra de dúvida, a popularização da ciência e o estabelecimento de uma consciência mais apurada sobre as grandes responsabilidades inerentes à revolução tecnológica. Pregava de forma recorrente contra corrida armamentista buscando alertar à sociedade dos gravíssimos riscos

associados ao holocausto nuclear. Também pudera. Ele vivera os dias angustiantes da parte mais quente da Guerra Fria, a crise de Cuba.

Falamos direto de 1961, um tempo remoto em que ainda não éramos, sequer, bicampeões da Copa do Mundo. Fidel Alejandro Castro Ruz, líder popular, guerrilheiro recém-saído de Serra Maestra, encontra na União Soviética um aliado oportuno e necessário diante da coerção contra-revolucionária dos Estados Unidos. Sua pequena ilha caribenha, paraíso de verão dos turistas e dos interesses norte-americanos, vira fugir Fulgencio Batista (não pude resistir ao trocadilho), ditador de quinta categoria que governava o país.

Uma operação sigilosa de grande monta, concebida no governo de Eisenhower e posta em curso pela administração Kennedy, tentou sem sucesso derrubar Fidel. O fiasco, dirigido sob a batuta da Central de Inteligência Americana (CIA) deuse na Baía dos Porcos em abril de 1961. Terminou com um punhado de prisioneiros, mortos, feridos e uma baixa irreparável – a credibilidade dos EUA. Afinal, a deposição de Fidel deveria parecer iniciativa dos próprios cubanos, em especial dos inimigos da guerrilha. Nada poderia sugerir a participação do Tio Sam, mas deu tudo errado e Fidel, que não tinha a princípio nada contra os EUA e nem inclinação especial pelo socialismo, foi aninhado no colo de Khrushchev, para o deleite de Che Guevara.

Nikita Khrushchev dirigiu a União Soviética de 1958 a 1964. Sua influência na política soviética se fizera sentir bem mais cedo, ainda antes da Segunda Guerra Mundial. Nascido em 1894, filho de um mineiro de carvão, Khrushchev construiu sua carreira no movimento operário e tornou-se um diligente sectário do comunismo stalinista. Após a morte de Stalin, em 1953, Nikita assumiu a liderança do partido tendo um primeiro-ministro fantoche à frente do governo. Em 1956, causou espanto por repudiar publicamente as atrocidades cometidas na era do terror (apesar de ele próprio ter participado do processo, gozando da confiança de Stalin).

Sob a sua égide, a URSS lançou os satélites espaciais da série Sputnik, causando grande frenesi internacional. O segundo da série levou para o espaço a cadela Laika e acredite – foi fruto do capricho de Khrushchev, desejoso por um evento de grande repercussão que marcasse o quadragésimo aniversário da revolução bolchevique.

Na corrida espacial, a liderança incontestada dos soviéticos incomodava o mundo capitalista. Mas, ao contrário do que se possa deduzir, os norte-americanos nadavam de braçadas quando o assunto limitava-se ao poderio nuclear. Os herdeiros de Stalin dispunham de um arsenal limitado na quantidade, na sofisticação dos vetores de lançamento e no alcance. Já os Estados Unidos possuíam submarinos nucleares lançadores de mísseis balísticos,

grande número de bombardeiros de longo alcance e bases militares instaladas no continente europeu, bem pertinho da terra mãe. O balanço de forças, muitíssimo favorável aos EUA, está bem detalhado na tabela 1. Khrushchev, cômico das implicações político-estratégicas, tentava fazer com que a URSS pareça ao mundo mais forte e poderosa do que de fato era. Nos bastidores punha a máquina do Estado a trabalhar na construção de soluções que diminuíssem, de fato, o desequilíbrio. Entre elas, a mais espetacular e bem arquitetada foi a Operação Anadyr.

Sua concepção data de maio de 1962. A idéia era submeter os EUA ao mesmo grau de ameaça e insegurança proporcionado à URSS pelas bases americanas na Europa. Como? Colocando baterias de mísseis balísticos em Cuba. Tratava-se de um plano extremamente audacioso porque implicava o estabelecimento de uma vasta estrutura operacional militar a milhares de quilômetros da Rússia. Todo o material e pessoal necessários precisariam ser transportados por entre os fios da barba do Tio Sam.

Cuba é uma ilha a pouco mais de cem quilômetros da Flórida. Isto significa que está dentro do alcance da aviação norte-americana baseada em terra e totalmente sujeita a bloqueios navais. Estas peculiaridades exigiam que não só as baterias de mísseis balísticos fossem instaladas como também todo um aparato capaz de protegê-las. E tudo deveria estar pronto antes que os

EUA desconfiassem da operação e submetessem Fidel ao conseqüente isolamento.

A necessidade de garantir proteção à Cuba constava como objetivo adicional. Este seria um sinal claro aos potenciais revolucionários do mundo que os soviéticos não abandonariam aqueles que optassem pela via socialista. Contudo, no cerne da questão, estava mesmo o estabelecimento de um novo equilíbrio estratégico. Segundo boa parte dos historiadores, Fidel sabia muito bem disso quando ratificou o acordo entregue a seu irmão Raul durante viagem à Moscou, em julho de 62.

O sucesso da operação dependia fortemente do sigilo. Era pouco sensato pensar que tamanha quantidade de recursos materiais e os 40 mil homens previstos pudessem passar despercebidos. Não era humanamente possível escondê-los. Recorrer ao disfarce foi a solução.

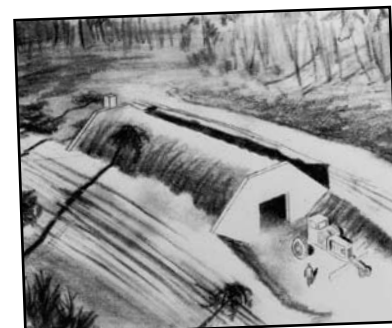
Ao longo de várias semanas entre setembro e outubro, foram despachados em navios mercantes soviéticos milhares de supostos "camponeses" e "assessores técnicos", levando coisas como "máquinas agrícolas" e outros apetrechos em contêineres fechados. Tudo se destinava à hipotética dinamização da economia cubana. O Exército Vermelho viu-se obrigado a trocar sua farda sisuda pela camisa florida. As áreas selecionadas para as instalações militares eram bem afastadas dos centros urbanos, posicionadas mata adentro, e foram isoladas para garantir que os soldados, após o desembarque, não fossem

vistos labutando na montagem dos acampamentos.

Dois tipos de mísseis foram transportados para Cuba: O SS-4 e o SS-5<sup>2</sup>. O primeiro era classificado como de médio alcance, sendo capaz de atingir alvos em quase metade do território norte-americano, incluindo cidades capitais como Nova Iorque e Washington. O segundo, classificado como intercontinental, poderia atingir qualquer alvo nos EUA e na América Central, além de boa porção da América do Sul. Durante a crise apenas o SS-4 esteve operacional.

1 POLMAR, NORMAN. Defcon-2: Standing on the brink of nuclear war during the Cuban missile crisis. New Jersey: Jonh Wiley & Sons, 2006; p. 16

2 Designação no âmbito da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Na URSS o SS-4 é o R-12 e o SS-5 é o R-14.



Representação de um bunker de mísseis soviéticos elaborada pela inteligência norte-americana. Fonte: National Security Archive, The George Washington University



National Photographic Interpretation Center, em Washington. Junto à parede vemos cinco equipamentos utilizados pela CIA para interpretação fotográfica. Fonte: National Security Archive, The George Washington University

Tabela 1  
Balanço de armas estratégicas operacionais em 1962<sup>1</sup>

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA	UNIÃO SOVIÉTICA
<b>Mísseis balísticos intercontinentais baseados no próprio território</b>	
142 Atlas 6 SS-6	62 Titan 20 SS-7
<b>Mísseis balísticos de médio alcance baseados em territórios alheios</b>	
60 Thor (Grã-Bretanha) 30 Jupiter (Itália)	36 SS-4*
<b>Mísseis lançados por submarinos</b>	
32 mísseis balísticos Polaris, baseados em dois submarinos de propulsão nuclear 6 mísseis de cruzeiro Regulus, baseados em dois submarinos de propulsão diesel-elétrica	Várias unidades construídas mas nenhuma operacional na ocasião
<b>Bombardeiros</b>	
639 B-52 880 B-47 76 B-58	Aproximadamente 100 Tu-20 e Mya-4
<b>Aeronaves de emprego tático</b>	
220 aeronaves em 5 navios aeródromos	6 Il-28*
*Inseridas em Cuba na Operação Anadyr	



Ray Harryhausen presents

# FLYING SAUCERS VS. THE EARTH

Os modelos Atlas, Titan, Júpiter e Thor (norte-americanos) e os SS (soviéticos) constituíram a primeira geração de mísseis balísticos. Dotados de ogiva única e propelidos por combustível líquido, estes artefatos foram herdeiros das bombas voadoras nazistas V-1 e V-2. Exceção à regra foi o avançado míssil Polaris, dotado de combustível sólido, e desenvolvido pela Marinha norte-americana como solução mais confiável, segura e compacta, adequada ao emprego em submarinos.

As gerações seguintes (nos dois lados) adotariam o combustível sólido e uma carga útil composta por várias ogivas, direcionáveis para diferentes alvos dentro de uma área de interesse. A sofisticação das armas e meios de lançamento resultaria na manutenção do frágil equilíbrio da Guerra Fria, baseado no conceito da "mútua destruição assegurada" cuja abreviatura da expressão em inglês é MAD (bastante apropriado).

O conceito MAD baseia-se na seguinte premissa: a iniciativa de um ataque nuclear somente será vantajosa se o atacante for capaz de destruir todos os vetores de lançamento de armas nucleares do inimigo antes que ele dispare. Se ao inimigo alvejado restar alguma capacidade combatente, ele certamente lançará suas bombas atômicas e aí então teremos o chamado segundo ataque (o revide) e um conseqüente holocausto ou "destruição mútua".

Tanto americanos quanto soviéticos buscavam garantir certa capacidade de segundo ataque.



Foto de Referência do SS-4, em desfile na Praça Vermelha (Moscou). Fonte: National Security Archive, The George Washington University.

Como naturalmente as grandes bases fixas têm sua posição mapeada pelos serviços de inteligência inimigos, a capacidade de realizar o segundo ataque dependia essencialmente de plataformas móveis como aeronaves, submarinos e caminhões lançadores. Aeronaves operam a partir de bases e estas são alvos atraentes. Os caminhões têm mobilidade reduzida, pequena capacidade de transporte e estão sujeitos à localização por satélite ou reconhecimento aéreo. Já os submarinos de propulsão nuclear eram os vetores perfeitos, já que podiam permanecer incógnitos, invulneráveis, carregando grande quantidade de mísseis.

Se eu tenho certeza de que o inimigo dispõe de meios para contra-atacar e ele sabe que eu também

consigo revidar, não interessa a ninguém comprar briga. Não haverá vencedores, já que a destruição de ambos é garantida. Dentro desta lógica surreal, podemos atribuir ao submarino de propulsão nuclear lançador de mísseis balísticos (SSBN) o crédito de salvador da pátria (acreditem) por garantir tanto à URSS quanto aos EUA a capacidade de segundo ataque.

Reparemos que esta lógica só funciona com a guerra nuclear. Na guerra convencional é considerado aceitável realizar uma operação e ter parte das suas unidades destruída por contra-ataque inimigo. O quanto é aceitável perder em homens e material é uma decisão do comando, normalmente levando em conta a importância da missão. Na

Segunda Guerra Mundial, milhares de soldados americanos morreram atacando as posições alemãs nas praias da Normandia, na tentativa de libertar a França.

Com armas atômicas, o patamar de destruição beira o incomensurável. Mesmo uma pequena quantidade de armas pode promover a total destruição de um país grande como o Brasil, EUA ou China, levando-o de volta à Idade Média. Isto se explica pelos altíssimos potenciais energéticos associados às reações nucleares. Nenhum processo inerente às propriedades físicas ou químicas



**Cargueiro soviético levando material coberto por lonas. Repare na superposição da foto de um navio patrulha classe Komar, realizada pelo analista. De fato este navio transportava quatro destas embarcações. Fonte: National Security Archive, The George Washington University**



**Configuração da defesa aérea dos sítios de mísseis balísticos soviéticos. Fonte: National Security Archive, The George Washington University**

de uma substância pode igualar as quantidades titânicas de energia liberadas pela fusão ou fissão de núcleos atômicos. Nem mesmo a reação química da popular nitroglicerina (TNT). Vejamos por exemplo o que aconteceria com a URSS se efetuasse um ataque nuclear contra os EUA, destruindo todos os lançadores fixos e móveis no território americano e aliado, e que um único submarino americano promovesse o contra-ataque.

A bomba lançada em Hiroshima tinha 15 kilotons de potência, capacidade destrutiva equivalente a 15.000 toneladas de TNT (algo como metade de um porta aviões em explosivo). Considerando que 140.000 pessoas morreram no ataque, o que faria uma bomba 80 vezes mais potente? Pois bem, um míssil Polaris A-1 tem uma ogiva de 1.200 kT e os submarinos americanos à época da Crise de Cuba transportavam 16 unidades cada um, correspondendo portanto a 1.280 bombas de Hiroshima.

Fidel Castro certamente não fizera esta conta e preocupava-se com um problema mais imediato – resistir ao vizinho brutamente da Flórida. O decorrer bem sucedido da Operação Anadyr lhe proporcionava alívio e agrado. Sua pequena ilha transformava-se pouco a pouco num impenetrável fortaleza. Um sofisticado sistema de defesa antiaérea protegia os sítios de mísseis. Armas nucleares táticas, barcos de patrulha classe Komar, interceptadores MIGs-21 e bombardeiros Il-28 estavam

disponíveis para emprego contra forças de invasão. E seu apoio popular era maciço.

Considerando a maestria como Anadyr seguia seu curso, esperava-se que o transporte e a montagem do dispositivo militar fossem completados sem contratempos. Contudo, por meio de análises fotogramétricas realizadas pela inteligência americana, foi possível estimar os possíveis conteúdos dos carregamentos destinados à Cuba. Os analistas dispunham de catálogos com os tamanhos e formatos dos principais equipamentos soviéticos e puderam inferir sobre os tipos de materias transportados nos conveses.

Outro indício avassalador foi a forma como os soviéticos dispuseram as baterias de defesa antiaérea. As clareiras e as trilhas abertas descreviam uma estrela, desenho que os americanos conheciam – era idêntico ao observado em torno dos lançadores de armas atômicas localizadas em território soviético.

No final de setembro de 62, já não havia dúvidas. Mas faltavam detalhes e vôos de esclarecimento se fizeram necessários. Em 27 de outubro, a defesa antiaérea cubana mostrou sua força derrubando um avião de reconhecimento U-2 americano. Em missão de reconhecimento a baixa altitude as aeronaves F8 da Marinha sobrevoaram Cuba sob fogo cerrado e obtiveram registros fotográficos bem nítidos. Com as fotos foram preparados pôsteres que permitiram denunciar a URSS em plenário da ONU.



18/10/1962. Encontro do Ministro das Relações Exteriores Andrei Gromyko e do embaixador Anatoly Dobrynin com Kennedy. O presidente americano não revela quem tem conhecimento dos mísseis em Cuba. Fonte: National Security Archive, The George Washington University

Os soviéticos insistiam em negar a existência dos mísseis, encurralando a administração Kennedy num arcabouço de desprestígio e fraqueza. Um amplo bloqueio naval fora estabelecido e nele também as coisas esquentaram pela interação entre um submarino soviético B-59 e uma força naval americana. Por muito pouco o comandante do B-59 não engajou com torpedos nucleares os bloqueadores.

Quando tudo parecia perdido uma porta dos fundos se abriu para conversações não-oficiais entre Kennedy e Khrushchev. Antes disso até mesmo o Brasil foi solicitado a co-

operar estabelecendo uma ponte de conversação direta entre o nosso embaixador em Havana e Fidel. O recado? Retire os mísseis e Cuba não será invadida.

No frígido dos ovos, após idas e vindas, ficou acordado que:

- Cuba não seria invadida;
- Os EUA não plantariam mais lançadores entre os vizinhos da URSS;
- A Operação Anadyr seria desmontada; e
- Para o público, o acordo nunca existiu.

Os atores principais desta história não tiveram os melhores fins. Kenne-

dy, nem precisa dizer. Khrushchev foi deposto por não ter jogado duro com os EUA mantendo a base em Cuba. E Fidel, pasmem, está lá até hoje.

O simpático doutor Sagan, sabedor dos riscos de extinção que corríamos, pouco deve ter dormido naquele fim de 62. E sobre Havana, não foi mesmo o centro merecido do mundo? Não merece a longitude 0°? Pensei em contar também o tempo decorrido como ano X, depois da crise dos mísseis, mas mudei de idéia. Sugiro manter a referência no nascimento de Jesus Cristo. Pois, apesar de tudo, ainda estamos vivos – algo que só se explica por milagre.

[bragamartins@terra.com.br](mailto:bragamartins@terra.com.br)

O articulista é encarregado da Escola de Submarinos do Centro de Instrução Almirante Áttila Monteiro Aché